

ALEXIS STAMATIS

# BAR FLAUBERT

Tradução de Mário Dias Correia

## **Matar tempo morto**

### **Matar tempo morto**

Andava lá por baixo, a explorá-la. A minha língua excitava a pele tensa, percorria-a, cobria-a com a sua quente lubrificação. Mas o meu espírito estava ausente. Os meus pensamentos corriam à solta, longe dali. A dada altura, fixei o olhar na parede fronteira. Era a minha parede, a parede que marcava um dos limites do meu quarto. Havia três velas acesas no candelabro de prata, derramando em volta uma luz amarelada. Deixei-me levar pelo cálido fulgor. Voltei a olhar em frente; apenas escuridão, agora, e uma débil claridade, ao longe. Avancei. Uma porta de pedra barrava a passagem. Disse a palavra-passe. Abriu-se uma fina racha no meio da pedra. Uma chuva miudinha. Continuei a avançar. Vegetação, cumes de montanhas, um ribeiro a rumorejar. E no entanto, era como se a natureza tivesse desaparecido. Estava tudo preto, envolto em trevas, só com aquela pequena luz à distância, um brilho prateado na floresta negra como breu.

– Sim... sim... aí... – ouvi-a dizer. Como se estivesse a receber ordens através de um altifalante, o meu espírito continuava totalmente desligado do que estava a acontecer, o corpo agia de moto próprio, mecanicamente. Lembro-me de como, no passado, em circunstâncias semelhantes, costumava pensar em situações que envolvessem um ritmo, uma sequência matemática, de modo a manter-me naquele fluxo erótico. Era uma boa

estratégia para conseguir estar presente sem estar e sem negligenciar a minha parceira. Porque, por estranho que possa parecer, aquela distância parecia ter um efeito benéfico. – Sim, sim, Yannis, sim... – Voltou a gritar, cada vez mais alto, até que o seu corpo cedeu por completo à explosão de prazer.

Inspirei fundo. O quarto tinha um cheiro cediço. Como se um gás letárgico estivesse a infiltrar-se pelas fendas do estuque e a envolver-me. Quando tive a certeza de que o modesto ritual terminara – pelo menos para ela –, rolei para um lado. Fiz menção de me sentar na cama, mas ela, julgando que ia levantar-me, passou-me rapidamente os braços à volta da cintura.

– Yannis... foi tão bom. Tão diferente! Hoje, foi como eu sempre quis que fosse. Foi... foi perfeito.

Perfeito e insípido, pensei. O que é que «perfeito» é suposto significar? Se eu nem sequer lá estivera verdadeiramente, como pode ela achar que foi «perfeito»? Se daquela vez fora perfeito, então e das outras vezes, poucas, em que me entregara de corpo e alma? Até que ponto fora perfeito? Quando eu estava *lá*, quando o véu que nos envolvia me fazia sentir os nossos corpos como um só, porque nunca ela me dissera que tinha sido perfeito? Perfeito e insípido. Era um erro. Um grande erro. Como tudo o mais, um erro colossal.

– Não queres dormir aqui esta noite? – perguntou-me, acendendo um cigarro.

– Manya, meu amor, não tenho sono – um truque que geralmente resultava. – Porque é que não vamos beber um copo?

– Está bem, vou arranjar-me – respondeu Manya, ligeiramente irritada, e levantou-se da cama.

Manya era atriz. Trinta e dois anos, cabelos ruivos, compridos e lisos. Olhos grandes, expressivos, com um círculo azul à volta das íris. Os lábios eram carnudos, levemente protuberantes. Magra, com ancas pouco marcadas. Na altura, fazia um papel secundário numa série televisiva, uma comédia. Não era má atriz. Também não era boa.

Entrou na casa de banho. Eu fui para a sala e liguei o leitor de CD. Nunca ia à casa de banho quando Manya lá estava. Não que ela mo proibisse, mas, depois de fazer amor, havia qualquer coisa que me levava a querer deixá-la sozinha, deixá-la lavar-se. Os instrumentos de sopro começaram a serpentear por cima da minha cabeça. Portished. Lirismo com

notas curtas e acutilantes. Acendi um cigarro, liguei a televisão. Lixo e mais lixo. Desliguei-a. Manya saiu da casa de banho envolta num roupão. Maquilhou-se, uma grossa linha de sombra, vestiu-se e saímos.

Descemos a Mavromichali e voltámos na Asklepiou. O primeiro bar onde entrámos foi o Bright Lights, um sítio muito frequentado que fazia lembrar um *bistrot* francês. Mal abri a porta, vi Kostas Anagnostou, meu amigo e jornalista, sentado ao balcão. Conhecíamos-nos há alguns anos. Trabalhava num jornal, estava bem no centro do Quarto Poder, com o qual, como *freelancer*, eu tinha uma relação mais distante. Não nos sentámos junto dele, porque eu sabia que ele não gostava particularmente de Manya – uma atrizeca convencida, costumava chamar-lhe. Ficámos cerca de uma hora e mudámos para o bar do outro lado da rua, o Big City, um bar de *rock* que se tinha ficado pelos Clash e Stranglers. Felizmente, não estava lá mais ninguém, de modo que, por volta das três da manhã, livre-me dela com toda a delicadeza, metendo-a num táxi e esperando que ele dobrasse a esquina, depois de ter supostamente anotado a matrícula.

Estacionei o velho *Mini* preto no sítio do costume, no beco. Em vez de ir direto para casa, resolvi dar um passeio. Apesar de estarmos em abril, Atenas estava deserta. A noite amena. O edifício do Parlamento, belamente iluminado, parecia magnífico. Na Harilaou Trikoupi, o edifício de escritórios Vovou parecia sentir o frio. Dois ou três travestis na rua, também eles, agora, parte do cenário. Na Ippokratous, no muro de um pátio, um *graffito* a vermelho: «Matar tempo morto.»

Fui para a cama e adormeci imediatamente, sem que as horas anteriores fizessem brotar uma única imagem. Havia muito tempo que não sonhava. Muito tempo.

### **Chocolate quente ou madalena?**

Eram onze e meia da manhã, numa terça-feira de finais de abril, quando me sentei no meu cadeirão de braços preferido em frente da porta da varanda. Estava a beber café e a olhar lá para fora. Desde muito cedo que os automóveis e as motas executavam as suas rotinas nas ruas de Exarchia.

Via, através da porta aberta da varanda, o supermercado do outro lado da rua. Por cima do letreiro principal, um novo, em lâmpadas de néon encarnadas, anunciava «Jacobs Suchard – Pavlides Chocolates».

Sorri. A fábrica do tio Demis; o último Pavlides era um parente afastado do meu pai. Lembrava-me de, quando era pequeno – devia ter seis ou sete anos –, ir para a fábrica, na rua Piraeus, e mergulhar as mãos na tina de chocolate quente. Lambuzava-me todo de chocolate, e a mistura escorria-me das palmas das mãos. Ainda hoje sinto o aroma e o sabor tão peculiares das avelãs a misturarem-se na pasta quente com a amêndoa amarga e, claro, dessa invenção divina, *Merenda!* Durante anos e anos, alimentei-me quase exclusivamente de *Merenda*. Comia mais de um frasco por dia. Quando fiz dezoito anos no entanto, cortei com os doces, assim de repente. A razão desta renúncia ao paraíso do chocolate na idade adulta está certamente relacionada com a minha aprendizagem excessivamente doce durante a infância. Uma idade em que tudo é excessivo. E, quando envelhecemos, continuamos a guardar a recordação do chocolate quente da infância que se derretia na boca, uma sensação que se nos tornou estranha, uma doce reminiscência fundida na memória. Um paraíso perdido: o único verdadeiro.

Porque será que, por vezes, a recordação de um sabor, mesmo tratando-se apenas de uma pequena madalena, é o suficiente para trazer de volta *le temps perdu*?

Venho de uma antiga família ateniense. Markos Loukas, o meu pai, é um dos escritores mais conhecidos do país. A minha mãe tem uma pequena galeria de arte.

Vivi com eles até aos vinte e três anos, ou seja, até ter acabado a universidade. Depois, fui para os Estados Unidos, para fazer uma pós-graduação em Literaturas Comparadas; iniciei um doutoramento que nunca completei e voltei à Grécia para cumprir o serviço militar. Ao cabo de dois ou três anos a lecionar em escolas e colégios particulares, e pouco antes de fazer trinta anos, larguei a atividade docente, dediquei-me a dar explicações e comecei a escrever para várias publicações. Para arredondar o mês, trabalhava como *freelancer* para duas ou três revistas: desde entrevistas a artigos de fundo, passando por notícias culturais e crónicas de viagem. Além de tudo isto – e dado que tinha uma boa relação com as línguas estrangeiras, sendo fluente em inglês, italiano e alemão, além de falar um pouco de espanhol –, ainda traduzia para uma pequena editora.

Escrever é a minha paixão. Criado numa casa onde parede era sinónimo de estante – até a casa de banho estava cheia de livros –, não admira que o meu sistema imunitário fosse incapaz de resistir ao vírus da escrita.

Não posso dizer que o meu pai me tenha pressionado. Pelo contrário, opunha-se à minha decisão de me dedicar à literatura. A seu tempo, e como seria de esperar, não consegui resistir à tentação de publicar o resultado dos meus esforços criativos. Há quatro anos, publiquei, em edição de autor, uma coletânea de contos que, apesar de ter merecido algumas críticas simpáticas – leitura agradável, temas originais –, não vendeu mais de trezentos exemplares.

O que sempre quis, no entanto, foi escrever um romance.

Quanto ao aspeto, sou razoavelmente bem-parecido. Um metro e oitenta e sete, cabelos castanhos, rosto magro, olhos verdes, nariz ligeiramente adunco e, quando rio, formam-se-me umas linhas dos lados da boca, como parênteses, e que fazem a minha alegria parecer forçada – mas não é.

Como acontece com a maior parte das pessoas, há uma coisa em mim de que não gosto. Não gosto mesmo nada, detesto, e, se pudesse, voltava a nascer para que não existisse. E o pior é tratar-se de uma imperfeição que não pode ser corrigida: uma distribuição desigual. Um capricho genético fez-me nascer com o braço direito cerca de oito centímetros mais curto do que o esquerdo. Nunca ninguém da família soube dar-me uma explicação satisfatória. De modo que acabei por fazer a minha própria investigação. Não há sinal desta anomalia em qualquer dos dois lados da família, pelo menos nas quatro gerações anteriores. O problema começou a aparecer por volta dos meus doze anos, quando o braço direito parou subitamente de crescer. O esquerdo continuou a desenvolver-se até aos dezassete, altura em que a atual diferença de oito centímetros se fixou. O primeiro choque aconteceu com o basquete, que eu jogava bastante bem. A bola deixou de obedecer às minhas ordens, deixei de conseguir fazer a minha famosa finta inversa, ao mesmo tempo que os meus passes, que até então chegavam ao destino com precisão goniométrica, começaram a exigir uma urgente correção. A minha destreza fora para sempre mutilada por oito miseráveis centímetros. Durante este mesmo período, quando a diferença se tornou visível à vista desarmada, os meus colegas começaram a troçar de mim – «Eh, Loukas... grande anormal...» –, mas, felizmente, não durou muito tempo. Os anos da escola secundária passaram sem problemas de maior, exceto na segunda área de embaraço: as raparigas. Quando

começaram os namoros, estendia sempre a mão esquerda ao ser apresentado a uma rapariga. O resultado era, claro, uma surpresa inicial, após o que o truque se voltava contra mim, uma vez que provocava invariavelmente a pergunta: «Costumas cumprimentar as pessoas com a mão esquerda?» Depois de uma série de episódios tragicómicos, passei a estender a mão direita, mas tendo astutamente o cuidado de «retirar» a esquerda, para que a diferença não fosse tão óbvia, pelo menos à primeira vista. Desenvolvi uma grande quantidade de técnicas, na sua maior parte baseadas numa ou outra forma de ilusão de ótica. Comportava-me como um pintor da Renascença: posturas encurvadas, um impercetível levantar do ombro esquerdo, inclinar a coluna para o lado direito, um sem-fim de estratégias para que a rapariga visse os dois braços o mais iguais em comprimento possível.

Passado algum tempo, mais exatamente depois de Nana, a minha primeira namorada, que nunca deu a mais pequena importância ao assunto, comecei a reconciliar-me com o problema. Naturalmente, era sempre obrigado a levar as camisas, camisolas e casacos à costureira, para encurtar a manga direita. Havia muitas pessoas – e eu observava isto atentamente – que não reparavam de todo, mas tal como todos os complexos são os únicos companheiros de quem os tem, também eu não recordo um único dia em mais de vinte e cinco anos em que não me tenha preocupado com este pequeno desequilíbrio, este gene anómalo inserido num corpo em tudo o mais saudável e bem formado.

Muitas vezes refleti que sejamos o que formos, é sempre pouco; no entanto, é este «pouco» que, desde a mais tenra idade, nos encerra numa concha social: a alienação.

Acabei por conhecer o amor como uma fábrica que era mais fascinante do que os seus produtos. Só em duas ocasiões levei o processo até ao fim. A primeira vez, que durou quatro anos, dos vinte aos vinte e quatro, foi com Elda, uma colega da universidade. Não íamos muito às aulas; estávamos constantemente a viajar, ou a passar por vários dramas emocionais que terminavam em apaixonadas sessões de sexo.

A segunda relação mais longa começou quando eu tinha trinta e três e ainda dura, passados seis anos. Ela chama-se Anna, é historiadora de arte e dez anos mais nova do que eu. Conhecemo-nos numa tarde de sexta-feira, na inauguração de uma exposição na Galeria Nacional de Arte. Eu tinha

ido sozinho, não estava com paciência para companhias e tudo o que queria era ver pela primeira vez de perto as obras de meu pintor preferido, um impressionista francês que praticamente só usava pastel.

Cada quadro era melhor do que o anterior. Os temas não variavam muito: cenas de *ballet*, momentos de ópera, corridas de cavalos e sobretudo mulheres jovens. Mulheres a segurar crisântemos, mulheres a segurar anêmonas, mulheres no banho, mulheres no campo. Apesar de se tratar de um pintor francês que trabalhava em Paris, as influências orientais eram mais do que evidentes.

A dada altura, dei por mim a olhar para um quadro que me deixou em êxtase. Era uma mulher nua sentada num cadeirão, de costas para o observador. O tronco inclinava-se para a frente, o braço direito apoiava-se no espaldar do cadeirão, enquanto a mão esquerda segurava uma toalha com que secava os cabelos. A pintura era a pastel, com traços longos e firmes. Observei com atenção os ossos da coluna vertebral, que sobressaíam das costas como um animal preparado para atacar. No entanto, embora o elemento dominante fosse a torção do esqueleto, havia mais qualquer coisa que atraía o olhar. Uma mão delicada, quase separada do resto do corpo, segurava com graciosidade o tecido de algodão, a recordar-nos que aquela criatura delicada acabava de executar um dos mais nobres atos do género humano: a higiene pessoal.

Nesse preciso instante, senti o calor de uma respiração atrás de mim. Voltei-me; uma rapariga alta, com um rosto bonito e inteligente e cabelo preto, cortado à rapaz. Estava tão perto de mim que teria sido ridículo não falar. Mas antes que eu conseguisse pensar em qualquer coisa para dizer, avançou ela:

- Uma mulher a secar-se. Muito ousado para a época, não é?
- Sim - disse, enquanto guardava o catálogo na mochila para ganhar tempo. - Gosto da maneira como o artista a captou. Uma perspetiva pouco comum. Gosto do elemento invulgar.
- Gosta de mulheres invulgares? - perguntou ela.
- Gosto do que não é facilmente compreensível - respondi, com um sorriso.
- O que acha que foi que a fez levantar-se? - continuou, imparável.
- Talvez ele não tenha compreendido... - gaguejei.
- O que foi que ele não compreendeu?
- O que ela própria queria.

– Porque é que os homens nunca compreendem?

De repente, fez-se um silêncio embaraçoso.

– Então? – insistiu ela.

– Espere um momento, ainda nem sequer nos apresentámos – disse eu, outra vez para ganhar tempo. – Chamo-me Yannis, Yannis Loukas.

– E eu Anna, Anna Rigopoulou.

Um sorriso, como uma pincelada cor-de-rosa, iluminou-lhe o rosto.

Uma rapariga bonita, pensei.

O resto foi o que seria de esperar. Um ano de paixão ardente que bebi até à última gota. Uma paixão que experimentei em todos os seus aspetos. Vivi as suas transformações, a sua intensidade cataclísmica, as suas minúsculas gotas à medida que se evaporavam. O corpo dela era uma paisagem sem fim, uma boneca russa que vestia continuamente novos trajes, cada um mais bonito do que o anterior. Tudo isto durou apenas doze meses. E então chegou ao fim.

Chegou ao fim e a paixão desvaneceu-se. Tal como tinha nascido com um estrondo, expirou com uma salva, e eu aceitei o facto de que tinha acabado, de que estava desde o início destinada a durar exatamente o tempo que tinha durado. O que ficou foi uma agradável sensação que, pelo lado, se transformou numa espécie de resignação erótica. Uma resignação que alastrou a outras áreas da minha vida e se tornou numa segunda natureza, num modo de vida. *Fazia os gestos por uma questão de hábito.*

Não acabei com a relação. Eu e Anna continuámos assim como que uma espécie de amigos e amantes ao mesmo tempo. Ela era a minha companheira social, uma noiva oficiosa. Anna apercebeu-se da mudança que se operara nos meus sentimentos, mas pareceu aceitar a nova situação. Tenho a certeza de que suspeitava da existência de outras mulheres na minha vida, mas nunca o deu a entender. Uma noção indefinida de dever mantinha-a a meu lado, um sentimento de devoção que esperava pacientemente a sua recompensa. Mas eu já tinha partido para outros lugares. E a cidade estava cheia dessas oportunidades que, embora ocasionalmente, materializam esses lugares indeterminados.

Bebi o resto do café e voltei à sala. Liguei o computador e fui direito ao ficheiro em que estivera a trabalhar no dia anterior.

## Tudo o que é descodificado morre

Uma hora e um quarto mais tarde, ergui os olhos do ecrã. O texto estava à minha frente; ocupava três páginas, novecentas e vinte e cinco palavras. Ia enviá-lo para a *Nomos 2000*, uma revista de sociedade. Imprimi-o e comecei a ler:

*Abriu os olhos. Durante alguns segundos, não soube quem era, onde estava ou o que era. Uma panorâmica de cento e oitenta graus fê-lo voltar a si. Conhecia os objetos, o ambiente era-lhe familiar, o cheiro reconhecível. Sim, era Nikos Marinos, de trinta e cinco anos, solteiro, jornalista. Era uma e meia da tarde e acabava de acordar no sofá da sala do seu apartamento de duas assoalhadas em Metz, naquele 4 de julho, dia do seu aniversário, com a cabeça pesada em consequência da quantidade de cerveja que ingerira na noite anterior.*

Li as páginas seguintes, que descreviam o encontro fortuito com uma antiga namorada, as recordações das férias de verão que tinham passado juntos dois anos antes, o convite que lhe fizera para jantarem os dois.

Li outra vez. Não está mal, pensei, e passei o ficheiro para uma disquete. A *Nomos 2000* tinha pedido um artigo de duas mil palavras a respeito da vida de solteiro.

Peguei no telefone e marquei o número do chefe da redação.

- Viva, Dimitris. Fala Yannis. Acabei a peça. Mando-te o ficheiro.
- OK, Yannis. Mas o Daniel vai ter de lhe dar uma vista de olhos.
- Se for aceite, a tabela é a do costume, certo?
- Sim, claro cem mil brutas. Então adeus.

Nos últimos anos, têm sido estas as minhas duas principais fontes de rendimento. Contribuições regulares para duas revistas, trabalho menos pontual para outras duas. As duas regulares eram a *Nomos 2000* e a *Individual*. Daniel Triandafyllides, o editor da *Nomos*, tinha sido meu colega de escola. Era um tipo duro, que andava de mota. Quando estudante, metera-se na cocaína e outras substâncias, mas conseguira deixar essa vida enquanto fazia uma pós-graduação em França. Inteligente como era, não tardara a captar o espírito da época – o essencial era uma pessoa divertir-se, o nível de divertimento era sempre dois centímetros mais alto, a pessoa

saltava mas nunca conseguia lá chegar – e tornara-se dono de três revistas altamente bem-sucedidas que vendiam como pãezinhos quentes.

Quanto às minhas preocupações literárias, estas resumiam-se, na altura, à autobiografia do meu pai. O objetivo último, o meu romance, era um trabalho permanentemente em curso. Ou, para ser franco, permanentemente adiado. Havia já alguns anos que pura e simplesmente abandonara o que tinha começado.

Nessa noite, fui acordado pelo retinir agudo do telefone. Era Dimitris Papadopoulos, chefe de redação da *Nomos 2000*. Daniel tinha recusado a peça.

– Vou mandar-te uns anúncios que precisam de ser revistos – disse Dimitris, a tentar amenizar a coisa.

Era a terceira vez seguida que me acontecia aquilo. Perguntava a mim mesmo porquê. Admito que não era das minhas melhores, não era como as que costumava escrever três ou quatro anos antes, mas com aquele género de escrita, era como andar na corda bamba. Fosse como fosse, o facto era que precisava desesperadamente das cem mil dracmas. E também não estava muito feliz com as rejeições. Decidi ir falar diretamente com Daniel.

Um mês antes, a *Nomos 2000* tinha-se mudado para um edifício pós-moderno de quatro andares na avenida Kifissias, um desses que, por qualquer razão incompreensível, incorporam fragmentos de arte grega antiga nas respetivas fachadas. Subi até ao segundo andar e dei o meu nome ao secretário; um homem, por estranho que pareça. Ao cabo de cerca de dez minutos, o sujeito anunciou-me que o senhor Triandafyllides ia receber-me.

Daniel estava de pé à frente da secretária.

– Como vai isso, Yannis? – perguntou, com um sorriso de cordiais boas-vindas.

– Já estive melhor – murmurei, e plantei-me num cadeirão de braços.

Daniel foi instalar-se no seu trono de couro, uma peça de *design*. Toda a parede por trás dele estava coberta por um espelho de vidro fumado, o que punha os visitantes na pouco invejável posição de terem de olhar para o seu próprio reflexo enquanto falavam.

– O que é essa coisa, Daniel? Uma espécie de instrumento de interrogatório pós-moderno?

– Um pequeno teste para os meus colaboradores. Os inseguros não param de verificar se estão bem, os autoconfiantes não querem saber.

– Então devo ter falhado no teste, porque já reparei que estou a ficar gordo – retorqui, ironicamente.

– É esse o truque. Trata-se de um espelho especial que amplia o reflexo vinte por cento.

– És satânico, não haja dúvida, um autêntico Manson da imprensa – disse eu, a fingir um ar sério.

Daniel riu alto.

– Que bem que falas, Yannis. É uma pena que ultimamente não andes a escrever assim.

– Foi precisamente por isso que vim falar contigo. Há algum problema, Daniel? Rejeitaste as minhas últimas três peças.

– Olha, tu não és novo neste jogo. Lembras-te do que eu te disse quando começaste? Que a tua escrita era moderna, a tua perspectiva inovadora, exatamente aquilo com que qualquer editor sonha. Mas tens de admitir que, nestes últimos tempos, estagnaste. Ou melhor... andaste para trás. Neste negócio, é preciso andar sempre para a frente. É preciso estar em cima do que se passa lá fora, e refiro-me ao que se passa a nível global, e escolher o mais quente, o que está a dar. E então é preciso abri-lo, dissecá-lo, extrair-lhe a essência. Hoje, Yannis, tudo o que é decodificado morre. Instantaneamente. Repara como os miúdos estão a escrever. Tens de quebrar o texto, fazer experiências com a sintaxe. Tens de desmontar as palavras do mesmo modo que nós desmontamos imagens. Mas o que tu fazes é montá-las.

– É verdade que cheguei ao meu limite. Não faz parte da minha natureza dissecar tempo ou palavras. OK, emperrei. Talvez... passa-se o mesmo com a autobiografia do meu pai. Estou cansado de andar a vasculhar nos arquivos dele. Mas para que estou eu a contar-te tudo isto... – disse, vendo-o adotar uma expressão que mostrava que me tinha desviado do assunto. – Que te importa a ti – continuei –, tens mais do que razões para estar satisfeito contigo mesmo. Além das tuas práticas orwellianas – olhei para o espelho, e Daniel voltou a rir –, estás ótimo. Tal como na escola, sempre com um dedo no pulso das coisas... Lembras-te de como eu era, Daniel? – perguntei olhando-o diretamente nos olhos.

– Claro, como é que me ia esquecer? – respondeu baixando o olhar.

– Tens de saber que não mudei nada. Continuo a ser como era – disse.

Fez-se um silêncio pesado. Por um instante, algo brilhou nos olhos de Daniel, para desaparecer logo de seguida. O facto de ter permitido que eu vislumbrasse fugazmente os seus sentimentos reconfortou-me. Recuperou a compostura quase de imediato. O momento de sensibilidade esfumara-se.

– Tudo bem, Yannis, eu compreendo. Somos amigos. Estás a passar por um mau bocado. Mas aqui estamos a falar como colegas. Toda a gente tem um bloqueio, a dada altura. Não deixes que isso te deite abaixo. Acaba com ele para que ele não acabe contigo.

– Não te preocupes, ninguém se vai pôr em cima de mim. Mensagem recebida e compreendida. Adeus, Daniel, cuida de ti – disse e levantei-me do cadeirão, lançando um último olhar ao meu reflexo inchado.

Nessa noite, Anna tinha um compromisso de família. Telefonei a Kostas, o meu amigo jornalista que costumava frequentar o Bright Lights. Combinámos encontrar-nos lá por volta das onze e meia.

– Viva. Porquê o sorriso? Estás todo contente porque voltaram a dar-nos uma sova?

– Não podes dizer que não te avisei. Perderam na ala direita. Yannakopoulos, Mavroyennidis.

– A nossa vez há de chegar. Veremos quem ri no final da época.

– Ao menos a equipa está a portar-se bem, porque quanto ao resto...

– Oh, estamos a sentir-nos em baixo e então lembrámo-nos do velho amigo, é isso? – disse Kostas, sarcástico.

– Não estou a brincar. Ultimamente, parece que tudo me corre mal.

– Sabes do que estás a precisar, Yannis? De um pouco de excitação. Fazes quarenta este ano, não é? Nascido em 1958?

– Sim, a 4 de julho, Caranguejo, com ascendente Leão.

– Deixa-te dessas tretas, isso é conversa de velhas. O que importa é que te deixaste cair na rotina, meu velho. A mesma cantiga ano após ano. Artigos para revistas, dar voltas ao miolo à procura de assuntos, a tentar adaptares-te a todos os raios dos estilos. Isso não é para a tua idade, meu caro. Ou arranjas um emprego fixo e metes na cabeça que aquilo é o que vais fazer durante os próximos vinte anos, ou recomeças do princípio. Faz qualquer coisa nova. E tem presente que o que estou a dizer não se aplica apenas ao teu trabalho. Vi-te aqui há dias com aquela miúda. Porque é

que andas a desperdiçar a tua energia, Yannis? O que é que aquela pega-zita tem para te dar que a Anna não dê?

– Dá-me o que a Anna não pode dar-me. E da Anna recebo o que não posso receber dela.

– Sabes o que me parece? Que te deixaste apanhar por essas tretas que escreves para as revistas. Pensei que conseguias manter a distância...

– Olha quem fala! Com um passarinho novo semana sim, semana não... – retorqui, passando ao ataque.

– Yannis, teimas em cometer o mais lixado dos erros. Projetas-te nos outros. Eu, velho amigo, não sou tu. Acredito no que um tipo que sabia umas coisas certa vez disse: o amor é a sobrevalorização do seu objeto. Eu não quero amor, quero sexo, não ando à procura de nada através da minha escrita, ganho dinheiro, não sou imaginativo, sou realista, esvoaço à volta da verdade e não me queimo, tu mergulhas de cabeça e ficas reduzido a cinzas. Portanto, deixa-me continuar a ser como sou e vê se fazes algumas mudanças na tua vida. Seja como for, bebamos mais um copo. Estou farto de toda esta treta introspetiva.

Ficámos até muito tarde, a beber. À uma, enfiei-o no carro, bêbedo como estava, e levei-o a casa. Em seguida, voltei ao meu apartamento e deixei-me cair na cama. Não conseguia dormir. Entre as duas e as quatro, vi *O Velho e o Mar* num canal por cabo. Depois, passei a maior parte da noite acordado, a pensar nos olhos de Kostas, na espinha descarnada do espadarte amarrada ao barco do Velho e nos oito centímetros que faltavam ao meu braço direito.